

1 O problema

1.1. Introdução

O empreendedorismo sempre foi peça fundamental para o crescimento e desenvolvimento econômico das sociedades e está presente ao longo da história, como o comércio marítimo estabelecido pelos fenícios que já prosperava entre os séculos X e I a.C.

No entanto, verifica-se que políticas de estímulo à criação e ao desenvolvimento de empresas tornaram-se foco dos governos apenas a partir do século XX. Segundo Dorfman (1983 apud DUTRA, 2003, p.12), um dos pioneiros foram os Estados Unidos com exemplos inspiradores como o Silicon Valley e Route 128 que tiveram início entre as décadas de 40 e 50.

A Europa também seguiu este movimento e reflexos disso podem ser vistos em diversos países. A Alemanha, por exemplo, tem estabelecido vários programas que destinam recursos financeiros e apoio na criação de novas empresas. Na década de 90, aproximadamente 200 centros de inovação foram criados, provendo espaço e outros recursos para geração de empresas. O Reino Unido em 1998 publicou um relatório a respeito do seu futuro competitivo, no qual enfatiza a necessidade de se desenvolver uma série de iniciativas para intensificar o empreendedorismo na região. Na Finlândia, em 1995, o decênio do empreendedorismo foi lançado visando: criar uma sociedade empreendedora, promover o empreendedorismo como uma fonte de geração de emprego e incentivar a criação de novas empresas (DORNELAS, 2001).

No Brasil, estas iniciativas se deram de forma incipiente na década de 80 com estudos específicos realizados por algumas instituições. Porém, o movimento ganhou força apenas a partir dos anos 90, durante a abertura da economia, quando, com a entrada de produtos importados, a competição se elevou e ajudou a controlar os preços: condição importante para o país voltar a crescer. No entanto, trouxe problemas para alguns setores que não conseguiam competir com os importados, como foi o caso dos setores de brinquedos e de confecções. Empresas de todos os tamanhos e áreas tiveram que se modernizar para poder competir e voltar a crescer. Com a estabilização da economia, após o Plano Real, surgiu ambiente propício para multiplicação e profissionalização das empresas, inclusive das pequenas e médias.

Frente ao quadro de estabilização econômica e de acentuação da abertura de mercado, até mesmo com a instalação do MERCOSUL, a indústria brasileira foi levada a promover investimentos e ajustes no campo organizacional, visando à modernização do setor e à obtenção de vantagens competitivas (BONELLI; GONÇALVES, 1998).

Neste cenário, entidades como Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas para dar suporte e capacitar os novos empreendedores.

O que se verifica, no entanto, é que o país tem grande potencial de crescimento ainda não aproveitado por diversos motivos: falta de apoio governamental, carga tributária pesada, falta de profissionalização dos empreendedores, dentre outros. Segundo pesquisa (SEBRAE, 2004), o líder do ranking de razões para fechamento das empresas é a falta do capital de giro e o terceiro colocado são os problemas financeiros, o que reflete o despreparo dos empresários no gerenciamento da firma.

Tabela 1 - Causa das dificuldades e razões para o fechamento das empresas

Categorias	Ranking	Dificuldades / Razões	Percentual de Empresários que Responderam
Falhas Gerenciais	1°	Falta de capital de giro	42%
	3°	Problemas Financeiros	21%
	8°	Ponto/local inadequado	8%
	9°	Falta de conhecimentos gerenciais	7%
Causas Econômicas Conjunturais	2°	Falta de clientes	25%
	4°	Maus pagadores	16%
	6°	Recessão econômica no país	14%
Categorias	Ranking	Dificuldades/Razões	Percentual de Empresários que Responderam
Logística Operacional	12°	Instalações inadequadas	3%
	11°	Falta de mão-de-obra qualificada	5%
Políticas Públicas e Arcabouço Legal	5°	Falta de crédito bancário	14%
	10°	Problemas com a fiscalização	6%
	13°	Carga tributária elevada	1%
	7°	Outra razão	14%

Fonte: Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil. Relatório de Pesquisa. Brasília: Sebrae, 2004, p.15.

E, apesar de representar um segmento importante da economia, já que as empresas de pequeno porte somavam 96,9% do total de firmas no país (IBGE, 2005), existe escassez de informações estatísticas atualizadas sobre a sua dimensão, características e forma de inserção na economia.

Outro agravante, no que diz respeito ao conhecimento sobre estas empresas, está no fato de que as informações que existem atualmente são bastante genéricas, ou seja, o segmento é tratado de forma uniforme, o que não reflete a realidade existente no país. Verifica-se que faltam subsídios tanto para os próprios empreendedores quanto para os legisladores de forma a contribuir ao desenvolvimento e o fortalecimento destas firmas.

Então, a pergunta que surge é: **existem grupos de pequenas e médias indústrias com comportamento e características similares no que diz respeito ao gerenciamento de capital de giro?**

No intuito de responder a este questionamento foi elaborado o presente trabalho e o mesmo está estruturado da seguinte forma:

- 1) No primeiro capítulo o problema que dá origem ao estudo é delineado e são definidos os objetivos final e intermediários, suas delimitações e relevância do ponto de vista gerencial e acadêmico.
- 2) O segundo capítulo consiste em uma revisão da literatura a respeito da administração do capital de giro, explicitando as principais ferramentas utilizadas para seu controle, além dos construtos teóricos que serão utilizados ao longo do trabalho.

Por fim, neste capítulo também é exposto o contexto de pequenas e médias indústrias no Brasil de forma a posicionar o estudo no tempo e espaço.

- 3) No terceiro capítulo é exposta a metodologia do trabalho, definindo as razões que levaram a uma pesquisa de campo, a forma de levantamento e análise de dados e as limitações do método escolhido.
- 4) O quarto capítulo constitui-se dos resultados da pesquisa propriamente ditos, com a análise dos resultados obtidos e a caracterização dos grupos de empresas respondentes.
- 5) O quinto capítulo apresenta discussões a partir dos resultados analisados no capítulo quatro e as conclusões obtidas. Além disso, são também apresentadas sugestões para pesquisas futuras.
- 6) O sexto e último capítulo apresenta as referências bibliográficas.

1.2. Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo final verificar a existência de grupos de comportamento semelhantes de pequenas e médias indústrias na utilização de determinadas rotinas para o gerenciamento do capital de giro. A partir disso, o estudo busca analisar a influência de certos perfis de comportamentos no desempenho destes grupos.

Para alcançar o objetivo acima descrito é preciso completar algumas etapas anteriores. A seguir são apresentados os objetivos intermediários deste estudo:

- Caracterizar e delimitar os conceitos relacionados à administração de capital de giro;
- Definir hipóteses sobre os perfis de comportamento esperados, com base no referencial teórico;
- Identificar principais combinações de ferramentas de administração do capital de giro utilizadas;
- Avaliar clusters;
- Testar hipóteses;
- Verificar perfil dos grupos identificados.

1.3. Relevância do estudo

O segmento industrial brasileiro, liderado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) desenvolveu em 2005, juntamente com empresários e dezenas de organizações, o Mapa Estratégico da Indústria 2007-2015, que é resultado de uma reflexão sobre o futuro da indústria no Brasil. Neste documento são definidos objetivos e programas para tornar a indústria brasileira competitiva no cenário mundial, elevando a qualidade de seus produtos e a produtividade de seus processos de fabricação.

Dentre os indicadores das metas estabelecidas, diversos deles são direta ou indiretamente relacionados à administração do capital giro (CNI, 2005). Um bom exemplo é o estabelecimento de meta para o financiamento ao setor produtivo para expansão da capacidade de produção, que está intimamente relacionada ao gerenciamento financeiro da empresa.

Sob esta ótica, esclarecer o comportamento das indústrias quanto ao gerenciamento do capital de giro torna-se relevante à medida que indica, tanto aos legisladores quanto aos empresários, ações de correção ou padrões que devem ser multiplicados com o objetivo de melhorar o desempenho do setor.

Além disso, o foco em pequenas e médias indústrias é importante por este conjunto de empresas representar mais de 90% das indústrias brasileiras. Porém, a magnitude deste segmento é inversamente proporcional ao conhecimento que se tem dele e isso se deve por diversos motivos, tais como a dificuldade em acompanhar a evolução dessas empresas, o custo para pesquisá-las e mesmo a desconfiança destes empresários em relação às pesquisas. Desta forma, o presente estudo agrega ao trazer um pouco mais de dados sobre este enorme universo que são as pequenas e médias empresas.

1.4. Delimitação do estudo

De acordo com Vergara (1997) a delimitação do estudo se refere à moldura que o autor coloca em seu estudo, ou seja, os limites impostos ao período de tempo e espacial de investigação e as variáveis a serem abordadas.

Desta forma, em relação ao espaço, o universo de empresas pesquisadas está restrito às indústrias dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo enquadradas como pequenas ou médias.

Vale ressaltar que no Brasil a classificação do porte da empresa é muito diversificada, ou seja, existem diversos órgãos que tratam do assunto.

A tabela a seguir mostra alguns dos critérios estabelecidos por órgãos e instituições para a classificação de porte da empresa:

Quadro 1 – Demonstrativo dos critérios oficiais de classificação de micro, pequenas, médias e grandes empresas

Entidade	Critério	
Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	a) Indústria	b) Comércio
	Micro: até 19 pessoas	Micro: até 9 pessoas
	Pequena: de 20 a 99 pessoas	Pequena: de 10 a 49 pessoas
	Média: de 100 a 499 pessoas	Média: de 50 a 99 pessoas
	Grande: acima de 500 pessoas	Grande: acima de 100 pessoas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Número de Pessoas Ocupadas	
	Micro: até 19 pessoas	
	Pequena: de 20 a 99 pessoas	
	Média: de 100 a 499 pessoas	
	Grande: acima de 500 pessoas	
Entidade	Critério	
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada	a) Receita bruta anual	b) Número de empregados
	Micro: até R\$ 700 mil	b.1) Indústria
	Pequena: de R\$ 700 mil até 6,125 milhões	Micro: até 19 pessoas
	Média: de R\$ 6,125 milhões até R\$ 35 milhões	Pequena: de 20 a 99 pessoas
	Grande: de R\$ 35 milhões até R\$ 100 milhões	Média: de 100 a 499 pessoas
	Grupo das Maiores: acima de R\$ 100 milhões	Grande: acima de 500 pessoas
	b.2) Comércio/Serviços	Micro: até 9 pessoas
		Pequena: de 10 a 49 pessoas
		Média: de 50 a 99 pessoas
		Grande: acima de 100 pessoas
Ministério do Trabalho	Número de Pessoas Ocupadas	
	Micro: até 9 pessoas	
	Pequena: de 10 a 99 pessoas	
	Média: de 100 a 499 pessoas	
	Grande: acima de 500 pessoas	
Banco do Brasil S/A	Faturamento bruto anual	
	Micro: até R\$ 244 mil	
	Pequena: acima de R\$ 244 mil até R\$ 1.200 mil	
	Média: acima de R\$ 1.200 mil até R\$ 20 milhões	
	Grande: acima de R\$ 20 milhões até R\$ 100 milhões	
	Mega: acima de R\$ 100 milhões	
BNDES	a) Receita operacional bruta anual ou anualizada	
	Micro: até R\$ 1.200 mil	
	Pequena: superior a R\$ 1.200 mil e inferior ou igual a R\$ 10.500 mil	
	Média: superior a R\$ 10.500 mil e inferior ou igual a R\$ 60 milhões	
	Grande: superior a R\$ 60 milhões	
	b) No caso de implantação a classificação será feita com base na projeção anual de vendas utilizada no empreendimento	

Fonte: Tabela extraída e adaptada de KASSAI, Sílvia. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. Dissertação de Mestrado em Contabilidade. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. São Paulo: FEA-USP, 1996, p.81.

Neste estudo foi adotado o critério estabelecido pelo SEBRAE, pois a base de dados extraída do CNI utiliza este critério para a classificação das indústrias.

Em relação ao tempo, a pesquisa foi realizada com dados coletados no segundo semestre de 2008, de modo que as respostas auferidas neste período podem não ser válidas em outro momento, por diversos motivos conjunturais.